O RADIOBLOG COMO INTERFACE DE AUTORIA DE ALUNOS 2.0 EM UMA ESCOLA 1.0: Pesquisa-ação em uma escola pública.

Rodrigo Vieira Ribeiro[1]
rodrigoead@gmail.com
Estrella Bohadana[2]
ebohadana@terra.com.br

RESUMO
Considerando (1)os anseios destes autores, (2)a mudança na sociedade, a (3)necessidade de mudança na escola, (4)a emergência do ambiente de colaboração e de autoria, Web 2.0, e (5)suas possibilidades de uso na educação, uma interface de autoria e produção de áudio, e um recurso de edição e hospedagem de comunidades virtuais, foram inseridas em uma escola pública de ensino fundamental (EF), através de uma pesquisa-ação, para capacitar professores e alunos no uso destes recursos. Avaliaram-se esses atores nos quesitos: assimilação, prática de uso e possibilidades de incorporação destas tecnologias digitais da informação e comunicação (TDIC) na práxis do ensino e da aprendizagem. Facilidades, dificuldades e barreiras emergentes na capacitação e no uso da interface também foram observadas. O aluno 2.0, multitarefa e usuário das TDIC, emergiu em uma escola não adaptada a esse tipo de processo de ensino-aprendizagem. Compreende-se que o aluno está pronto para usar as TDIC, mas a escola não.

PALAVRAS-CHAVE: Radioblog, autoria, Educação.

INTRODUÇÃO

Nesta comunicação, apresentamos os resultados parciais de uma investigação em andamento cujo objetivo foi capacitar professores e alunos de uma escola pública de EF a projetar e construir uma aula sobre qualquer tema ou conteúdo, usando um novo recurso tecnológico: o RADIOBLOG. Este, possível apenas após o advento da web 2.0[3] e a difusão da banda larga, do aparecimento das lanhouses[4], dos RSS[5] e do software social[6], pode ajudar a mudar o paradigma da sala de aula tradicional, transformando os alunos de atores do processo educativo em co-autores. A fim de fornecer uma maior compreensão sobre o que nos levou a pensar sobre o que seria a Escola 2.0 e o Aluno 2.0. no tocante ao uso das TDIC, as mídias digitais de áudio e as redes pessoais de aprendizagem também foram assuntos tratados na pesquisa.

---

[1] Aluno do Mestrado em Educação. Universidade Estácio de Sá - UNESA
[2] Dra. em História dos Sistemas de Pensamento ECO-UFRJ. Profa. do Programa de Mestrado em Educação da Universidade Estácio de Sá - UNESA.
[3] Web 2.0 – termo que designa a evolução da internet para a colaboração e para o compartilhamento da informação, este termo é explicado no capítulo 3.
[4] O Comitê Gestor da Internet do Brasil (CGI.br) divulgou, em 2007, que as Lanhouses são responsáveis por 49% dos acessos à internet no país. Sendo a maioria de pessoas do sexo masc. e das classes C,D e E. As Lanhouses estão sendo vistas como geradoras de oportunidades para a inclusão digital e social (WIKIPEDIA, em http://tinyurl.com/dzyd48 acesso em 03/04/2009).
[5] RSS – Read simple syndication ou leitura por congregação simples
[6] Software social – Termo utilizado para designar programas de computadores criados para auxiliar e promover a colaboração e a socialização de grupos e redes de pessoas.

Sobre a Pesquisa

A necessidade de mudança nos currículos e a noção de que o processo de autoria faz parte dos pensamentos teóricos mais atuais, nos levaram a criar uma metodologia que envolvesse professores e alunos em situação concreta de ensino-aprendizagem. Assim, propusemos um método de pesquisa que colocasse o professor na posição de orientador e o aluno na de explorador. Desta forma, poderíamos atender, em parte, as propostas de mudança nos currículos escolares que sugerem que é preciso gerar motivações entre os estudantes, a fim de que adquiram e demonstrem a habilidade de aprender a aprender e não apenas reter conteúdo.

Para provocar uma situação e construir um fenômeno, através de uma interface, ligada às TDIC, que facultasse a autoria compartilhada, e compreender como se dá o processo de assimilação e incorporação dessa tecnologia na escola e assim formar as bases de uma proposta metodológica de ensino-aprendizagem que tivesse a autoria como centro do processo, adotamos uma metodologia que é chamada de ação-pesquisa cooperativa. Encontrada em Thiollent (2006), que descreve o pensamento de Desroche.

A pesquisa-ação

Hendricks (2009) sugere a ação-pesquisa como uma forma de investigação que permite melhorar a escola e as práticas dos professores, como um elemento alavancador de mudanças na escola e nas práticas escolares. Nesta, o contexto não é controlado, mas estudado de modo que cada influência contextual que surja possa ser compreendida.

Para Mills (2007) ação-pesquisa é uma pesquisa sistemática conduzida por um professor pesquisador ou qualquer outro envolvido com o ambiente de ensino-aprendizagem, para obter informações sobre como a escola opera, como eles ensinam e como seus estudantes aprendem.

Barbier (2002) diz que a ação-pesquisa consiste em detectar um problema, apresentar uma solução/ação e perceber a mudança ocasionada pela intervenção no ambiente. É um tipo de pesquisa, na qual há uma ação deliberada para a transformação de uma realidade. Nesse tipo de metodologia, o pesquisador traz o problema para ser enfrentado pela comunidade e observa a evolução dos fatos e as soluções alcançadas pelo grupo.

Na concepção de pesquisa-ação, desenvolvida por Desroche, Thiollent (2006) destaca os seguintes aspectos: (a) A composição de uma relação de reciprocidade entre atores e autores da pesquisa que consiste em compartilhar a produção do conhecimento entre pesquisadores e atores sobre a situação investigada. (b) A pesquisa-ação e deve conjugar três aspectos: explicação, aplicação e implicação, ou seja, caracterização da finalidade da investigação, resolução de um problema da sociedade e relacionamento entre pesquisador e pesquisado marcado pela reciprocidade. (c) Tipologia de formas de participação na pesquisa-ação, combinação das ênfases dadas aos aspectos de explicação, aplicação e implicação, sendo os graus de participação: da integral a ocasional. (d) Possibilidade de articulação entre as dimensões individuais e coletivas entre os atores e pesquisador e referência autobiográfica do pesquisador.

Para Desroche esse tipo de pesquisa nem sempre é um processo coletivo de investigação, mas uma combinação de múltiplas possibilidades que vão do individual ao coletivo destacando a participação do sujeito e a relevância de sua autobiografia. (THIOLLENT, 2006). Há sempre “uma forte expectativa em torno da pesquisa-ação (...)

como meio de implementar transformações educacionais e tecnológicas apropriadas ao contexto social ou cultural" (THIOLLENT, 2006, p.23). A pesquisa-ação foi, então, o aporte metodológico que adotamos.

Caracterização da Pesquisa

Desroche (2006) divide a caracterização em (1)Grade Preliminar; (2)Perfil; (3)Trajetória; (4)Tipologia e (5) Dialética: Quanto à sua grade preliminar, pode ser caracterizada como uma pesquisa-ação pois trata sobre os atores sociais, suas ações, transações e interações. Trata-se de uma participação observante, operando *in situ*, em escala real, sem ser uma manipulação experimental. (DESROCHE, 2006). Em seu perfil, é uma pesquisa coletiva. O pesquisador tornou-se sujeito-ator, adotando diversos atores como informantes de sua ação na pesquisa. Sua trajetória parte da pesquisa, para a ação e retorna para a pesquisa. Na tipologia, trata-se de uma pesquisa de aplicação ou "pesquisa-para". Neste tipo o pesquisador propõe e o ator dispõe, a ação é esperada e calculada, opta-se por possuir um roteiro. Quanto à dialética, ou seja, diálogo entre autor e atores, esta pesquisa-ação pode ser caracterizada como Autor mais Ator. O autor escreve o que os atores descrevem, havendo grande sinergia entre os dois, mantendo suas distinções. (DESROCHE, 2006).

Objetivo

Levar para a escola 1.0, uma interface de autoria da web 2.0, o Radioblog, para verificar como os atores fazem para incorporá-la, avaliar a possibilidade de inserção desse recurso de autoria na práxis pedagógica e observar se há a emergência de alunos 2.0.

Uma comunidade foi criada em um ambiente hospedeiro e gerador de redes pessoais que tem o nome de Ning[7], um acrônimo de "Social **N**etwork for Anyth**ing**". De uso fácil e intuitivo, com versão em português, possui diversos recursos para armazenar e exibir áudio, vídeo, fotos, blogs, fóruns, grupos de discussão, RSS, *scrapbooks* (bilhetes), perfis, enquetes, personalização, etc. Como todo recurso da web 2.0, está em constante evolução. Frequentemente são implementadas novas possibilidades e recursos.

As redes pessoais no Ning, usadas para fins educacionais, são denominadas como Personal Learning Network[8] (PLN) ou rede pessoal de aprendizagem. Trata-se de uma rede criada por pessoas com interesses em torno de uma determinada temática na qual se congregam e se trocam informações e idéias sobre o assunto aprendendo de forma coletiva. A comunidade criada para esta pesquisa está em: http://jovempam.ning.com.

Métodos de coleta de dados

Coleta de dados através de: a) Material produzido e arquivado na comunidade. b) Observação integrada, participante e anotações de campo. c) Entrevistas semi-estruturadas e grupo focal.

O pesquisador se manteve próximo, apoiador, mas respeitando os limites dos pesquisados (BOGDAN, BIKLEN, 1994) e atuando, por vezes, como participante e outras integrado ao ambiente da pesquisa. Fotografamos as atividades paralelas e os

---

[7] Ning – www.ning.com
[8] http://tinyurl.com/3douzf

eventos na escola, o que ajudou na integração com o grupo, aumentando a intimidade e a facilidade do acesso do pesquisador ao campo e aos atores da pesquisa.

As entrevistas semi-estruturadas permitiram a análise e a descrição da visão dos atores desta pesquisa sobre o uso e a incorporação desta TDIC em sala de aula e em seus processos de ensino-aprendizagem, auxiliaram na obtenção de informações subjetivas, impressões pessoais e avaliação da situação e dos fatos decorrentes do processo da ação. Foram realizadas em blocos separados com os seguintes atores: (a) direção da escola; (b) os professores participantes; (c) professores desistentes; (d) alunos participantes; (e) alunos desistentes. Nas entrevistas o pesquisador procedeu de forma a ser encorajador e apoiante, como preconizam Bogdan e Biklen (1994).

Com os alunos participantes realizamos alguns grupos focais, definido por Parasuraman (1986) como uma técnica de entrevista em grupo que permite que a coleta de dados seja feita a partir de debates em grupo sobre um tema ou tópico específico. Carlini-Cotrim (1996) acrescenta que a interação é, durante a entrevista em um grupo focal, importante, pois o ser humano tende a formar opiniões e a reforçar atitudes interagindo uns com os outros.

Atores e o Campo

A proposta de uso da tecnologia do radioblog foi apresentada a um grupo de professores da Educação de Jovens e Adultos (EJA) da Escola Municipal Prof. Amílcar Martins (EMPAM) em Belo Horizonte. A direção da escola se interessou pelo projeto e disponibilizou o laboratório de informática da escola, permitindo que professores e estudantes fossem voluntários para participar da pesquisa.

A escolha dos professores para participar da pesquisa foi voluntária e relacionou-se com a disponibilidade e a possibilidade de cederem algum tempo fora de seus horários de trabalho, ou com horário de dedicação cedido para estas atividades de pesquisa.

Trabalhou-se com alunos das camadas populares porque o campo escolhido para esta pesquisa foi uma escola municipal de um bairro menos favorecido. Os alunos foram indicados pelos professores. Inicialmente eram 12. A pesquisa foi concluída com 4 alunos que se dedicaram a todo o processo, aprendendo a usar a interface de gravação e edição, a fazer roteiros de programas de áudio e a usar a comunidade. Os alunos e professores que deixaram o projeto foram entrevistados para expor os problemas e barreiras que os levaram a tomar tal decisão.

A ação

O caráter colaborativo da pesquisa forneceu seu aspecto inovador e a ação-pesquisa foi desenvolvida em quatro momentos e atuou sobre quatro grupos de trabalho.

O primeiro momento consistiu em ministrar, para os professores da escola, um curso de capacitação na tecnologia do radioblog e na produção de projetos de aplicação desta tecnologia. Durante a capacitação o grupo inicial de professores produziu 4 programas de áudio com conteúdos e abordagens diferentes. Esse primeiro momento da ação serviu como pré-seleção de professores, tendo como resultado duas professoras que se interessaram em continuar no projeto.

O segundo momento foi o de capacitar os alunos no uso da interface de gravação e edição Audacity, na roteirização de programas de áudio e no uso e administração da comunidade virtual. Durante a capacitação desses alunos, uma professora, do turno da tarde, demonstrou interesse em participar da pesquisa com seus alunos da 4ª e 5ª série do EF e isso configurou os três grupos de trabalho.

Cada grupo recebeu uma proposta diferente. Os alunos da manhã, da 6ª e 7ª séries do EF foram capacitados para se tornarem monitores que manteriam a radioblog, roteirizariam, gravariam e editariam os programas, apoiariam os professores que desejassem participar da radioblog em qualquer momento futuro e treinariam os colegas das séries seguintes para que a radioblog continuasse quando eles saíssem da escola.

Para os alunos da tarde, que eram da 4ª e 5ª séries do EF, ficou a tarefa de roteirizar e atuar gravando programas com temáticas definidas por eles, sob a supervisão da professora, e participar na comunidade virtual.

O terceiro grupo, composto de alunos voluntários da EJA, do horário noturno, trabalhou com a proposta de usar conteúdos da disciplina de Ciências sobre temas ligados ao meio ambiente.

Todos criaram e produziram seu material sob orientação do pesquisador e sob orientação do professor responsável pelo grupo. As gravações, depois de editadas, e aprovadas pelos seus autores, foram postadas na comunidade. O grupo da manhã teve a tarefa de editar suas gravações e as dos outros grupos, dar seu formato final e postar o material na comunidade al.

O terceiro momento foi preenchido com a coleta de dados.

No quarto momento realizamos a avaliação da ação-pesquisa que consistiu na análise do material da radioblog, dos cadernos de anotações individuais, das entrevistas semi-estruturadas e do grupo focal. Esta avaliação tentou compreender os motivos de participação e não participação de cada ator e as possíveis relações entre os atores da pesquisa e a tecnologia assimilada na ação.

Resultados parciais

Professores

A turma de professores produziu 4 programas de áudio. O primeiro, sobre Raul Seixas, simulava uma entrevista com o artista com base em dados biográficos coletados na internet e com trechos de música do artista. Neste programa um deles encarnou o papel do músico, uma professora atuou como âncora[9] e apresentadora e a outra fez o papel de entrevistadora. O segundo simulava uma rádio comunitária com uma programação de propaganda local e assuntos variados relacionados com a escola. O terceiro foi uma paródia aos noticiários de atualidades e o quarto programa o professor, imitou o personagem “Nerso da Capitinga” contando anedotas.

Percebemos na vivência, um momento de descontração. O pesquisador sentiu que foi bem recebido pelo grupo e que eles confiavam na proposta de pesquisa. O desempenho

[9] Âncora é o termo designado ao jornalista ou apresentador de um programa jornalístico, no rádio ou na televisão, que centraliza e distribui o assunto/notícia a ser tratado. A notícia começa por ele e termina nele.

destes professores durante a capacitação foi satisfatório e demonstrou que eles compreenderam bem a linguagem da mídia, assimilando as características do meio. Em conversas ao final da segunda aula alguns professores declararam que acharam o recurso muito interessante, mas não iriam continuar por falta de tempo para dedicação a uma pesquisa como esta.

Nas entrevistas o professor "A" que participou da capacitação fez o seguinte relato: "Gravar foi muito divertido, gostei. Não gostei da apresentação do pesquisador que achei cansativa. Tinha excesso de informação e era monótona. Você (o pesquisador) é muito tímido."

Já o professor "E" relatou que "A maneira que você apresentou a interface e a sua disponibilidade para o grupo foi muito determinante. O modo como você apresentou para as pessoas que tem "medo da máquina" mostrou possibilidade e facilidade para o uso, tranqüilizando os mais medrosos como eu."

O professor "I" disse que "Quando fiz a minha gravação eu gostei de pesquisar e buscar detalhes na internet para produzir um programa descontraído e que tornou a experiência rica."

Estes relatos demonstram que, no geral, os professores gostaram de usar o recurso e, na capacitação, mesmo alguns não tendo intimidade com o uso do computador, identificaram a interface como fácil de usar.

Sobre o uso pessoal do computador e da internet, dos 5 professores entrevistados 3 usam pouco o computador e a internet, não se consideram grandes usuários, seu uso é apenas para pesquisas e para criar aulas. Dois responderam que fazem uso para diversão, ouvindo música e até compram pela internet. Nos moldes de Richardson (2006) eles não podem ser considerados como Professores 2.0, pois, mesmo sendo usuários das tecnologias não as usam nem as incorporam em sala de aula. Apenas um deles usa o laboratório de informática fazendo inclusão digital com seus alunos.

Uma das facilidades apontadas pelos professores foi a metodologia de ensino do pesquisador, apenas um considerou a metodologia monótona e o pesquisador tímido.

O professor "U" disse que "você demonstrou a simplicidade no uso da interface e isso foi significativo para os que têm menos contato com o computador, você demonstrou para nós que era mais importante o uso pedagógico que a interface em si e que o recurso nem era tão complicado assim". Eles consideraram o Audacity uma interface fácil de usar mesmo por quem possui baixo conhecimento e pouca prática. Uma das dificuldades apontadas por eles dizia que o pesquisador deveria ter cobrado mais resultados e atitude dos professores durante a capacitação.

O professor "E" disse que: "os professores aceitaram a proposta, mas não deram continuidade, não se envolveram. Eu considero que há um distanciamento entre o que o aluno está fazendo fora do "cuspe e giz" e o que o professor faz. Se o projeto ou iniciativa não envolve salário ou não corta ponto, então deixam para lá. A escola não dá valor para o que é extracurricular e isso compromete a maior parte dos projetos que surgem e não apenas este".

Quanto ao uso na escola da tecnologia a opinião deles é de que a sala do laboratório de informática não é adequada nem confortável como disseram 3 dos entrevistados e isso, é um fator limitante de uso.

O prof. “O” disse que: “olha as tecnologias como essa com bons olhos mas que seria necessária uma reformulação nos métodos e currículos da escola pública” e completou que “a manutenção do laboratório de informática é lenta e desestimula o professor a fazer um planejamento de aula se na hora H ele encontrar computadores com defeito.”

Entre os professores houve divergência quanto à possibilidade de tornar realidade essa incorporação. Alguns alegam que não há estímulo profissional. Outros pensam que o uso das TDIC seria mais uma panacéia na educação brasileira. Mesmo os entusiastas das tecnologias, disseram que os currículos são demasiadamente restritivos e que mudar os métodos e formatos de avaliação atuais inviabilizaria tais iniciativas. Esse pensamento corrobora com Veen e Vrakking (2009).

O tempo que eles têm não é considerado satisfatório para poder se capacitar e implementar o uso contínuo de uma interface como esta em sala de aula. A professora “I” disse que “O professor que tem projeto e horas extras para estes projetos normalmente cobre as faltas os outros professores e isso prejudica o desenvolvimento e o planejamento de atividades.”

Outro professor disse que “Eu penso que a dificuldade de incorporar é porque é extracurricular. Por que usar o horário de almoço ou o de descanso? Por que não separar um horário no horário da aula para esse tipo de iniciativa? Não podemos sobrecarregar os meninos e os professores. A escola não dá valor para o que é extracurricular.”

Quando perguntados sobre o grupo de alunos envolvidos no projeto, todos concordaram que o grupo é muito bom, mas que sem os professores para dar continuidade eles também pararão.

Um deles disse que “Eles (os alunos) tem condição total e absoluta de dar continuidade ao projeto. Mas eles ainda precisam de adultos para fazer a ponte. Se não tiver um professor por perto a coisa não anda”.

Perguntados sobre o que é preciso para que os professores disponham de tempo para um projeto desse tipo 3 responderam que existem 4,5 horas de dedicação a projetos, é lei, todo professor da rede municipal tem, mas este horário é usado para corrigir provas, preparar trabalhos. O projeto para funcionar precisaria obter horário dentro dos horários de aula, como numa proposta curricular, assimilada pela direção da escola.

“Se eles conseguirem incorporar o projeto da rádio no eixo do projeto político pedagógico (PPP) da escola aí os alunos poderão participar. Para isso acontecer é preciso que o projeto seja apresentado para a escola e os professores aprovem esta inserção curricular” este professor sugere que há certa independência de currículo e metodologias didáticas nas escolas municipais e que são independentes da rede municipal, o que foi confirmado pela Diretora. “Enquanto for extracurricular não vai pegar”, completou.

Já o Professor “U” disse que ele “não tem tempo e que trabalha em outras escolas, não daria para ficar fora do horário se ele não fosse compensado financeiramente” e esta seria uma das limitações do uso da tecnologia.

Entre os professores as opiniões se dividem entre a motivação do uso das novas tecnologias em sala de aula e sua capacitação para tal. Percebemos que entre eles haviam os que se manifestavam como os entusiastas e os que se apresentavam como desmotivados ao uso. No entanto, todos concordam que seria proveitoso o uso, por seus estudantes, e a incorporação das TDIC em sala de aula.

Sobre capacitação de professores um deles disse que “Não adianta eu querer fazer as coisas sem formação, mas também não adianta pensar que só a formação vai ser capaz de fazer o professor se modificar se ele não quiser. Nesta questão é preciso tentar conseguir as duas coisas. Formação e uso.” Esta opinião concorda com Fusari (2001), Belloni (2002), Demo (2006) e Charlot (2005).

Foi perguntado aos professores se eles pensam que o radioblog pode tornar-se uma interface eficaz para uso no processo de ensino-aprendizagem. A professora “E” considera que “este recurso é muito bom e pode facilitar as aulas de qualquer disciplina e os professores precisam se engajar nesse tipo de projeto independente de questões salariais.” Nesse ponto muitos discordam e colocam como barreira as questões de horário para dedicação e a remuneração adequada para tal.

Os professores perceberam os efeitos do projeto nos alunos mesmo com aqueles que só gravaram sem aprender diretamente a editar. O professor “A” disse:

> *“Os meninos do noturno, tem uma história de vida muito mais complicada e adversa que os meninos do diurno.(...) Estão defasados em termos de idade escolar, trabalham e se sentem inferiores em relação aos meninos do diurno. (...), eles foram autores, eles produziram o texto, gravaram, isso para eles é muito importante em termos de auto-estima (...) se sentem mais capazes de fazer alguma coisa e vêem sentido no que estão estudando. (...) No caso da gravação sobre o ciclo da água, eu não orientei para que aquela senhora fizesse o texto em formato de rádio, ela tomou a iniciativa sozinha, ela se sentiu reconhecida e valorizada. (...)Uma delas, junto com o marido, comprou um computador e colocou acesso à internet em casa e ficou muito feliz. Você mexeu muito com esses alunos.”*

O professor “E” relata uma mudança no comportamento de um aluno que participou do projeto e alega que foi a integração deste menino no projeto que provocou seu comportamento mais amadurecido:

> *“Eles tiveram ganho demais. O (nome) era um aluno problema antes do projeto, causando problemas com os colegas, desrespeitava os professores. (...) As meninas cresceram muito, mas foi muito melhor com o ele. Elas eram nota 10, mas ficavam “na delas”... hoje estão mais sociáveis, estão compartilhando mais e aparentemente estão mais felizes, mais falantes, se soltaram mais (...) O projeto foi um desafio para eles e eles sentiram que podem fazer mais. O projeto deu uma levantada no moral destas crianças.”*

O professor “I” relatou que “As crianças são empolgadas com o “estar na rádio” isso é o mesmo que estar nas mídias convencionais para eles”. Esses relatos concordam com o que é dito em Demo (2006) e Belloni (2002) no tocante a formar “para” o uso das mídias e não “com” o uso das mídias. Aparentemente, a tecnologia pode ser incorporada como elemento de contextualização, estímulo à autoria, ao aprendizado, ao diálogo e pode atender às necessidades de mudança de currículo.

Alunos

O grupo da manhã produziu três programas. O primeiro programa sobre netiqueta, o segundo sobre as drogas e o terceiro programa tratava do cinema brasileiro e sua história.

O grupo da tarde gravou três programas com a temática sobre o meio ambiente escolar. Todos os três programas tiveram formato de noticiário e variedades, tendo sempre um âncora e alguns “repórteres”, com entrevistas, denúncias e paródias de músicas. Os alunos deste grupo dividiram os scripts e permitiram a participação de todos na criação, na produção e na locução.

O Grupo da EJA produziu quatro programas. O primeiro sobre Bulimia no formato de uma simulação de conversa entre paciente e médico. O segundo e o terceiro programa falaram sobre drogas, um deles como um bate-bola entre os estudantes que faziam o papel de ex-drogados ou de repórteres. O quarto programa sobre o ciclo da água e alguns conceitos básicos de ecologia teve o formato de programa educativo.

Entre o primeiro e o último programa, percebe-se um aumento na segurança dos atores na locução, na fluência verbal e uma sensível melhora no script. Observa-se que há domínio no recurso através de usos de efeitos sonoros e de locuções fluentes, com menos pausas na gravação. Isso demonstrou que os alunos ganharam confiança no uso da interface.

Estes jovens vêem a Internet como um lugar de encontrar amigos, namorar, comprar, conhecer pessoas, de possibilidades de trabalho no futuro, escutar música, ver filmes, ler notícias, enviar e-mail, pesquisar para trabalhos escolares e de aprender.

Eles usam programas de comunicação de mensagens instantâneas[10], sites sociais como o ORKUT, e serviços de e-mails gratuitos. Acessam de casa, discado e com baixa velocidade de banda. Na escola, o acesso ocorre por um tempo limitado, usam lanhouses por pequenos períodos de tempo, e consideram o serviço caro e proibitivo. Esta informação confirma o que foi divulgado na pesquisa da CGI.br de 2007 que a internet no Brasil demonstra crescimento de uso nas classes C,D e E.

Os estudantes não demonstraram estranheza ou medo de usar o computador e estavam ansiosos e felizes de ter acesso à internet. Dos alunos do EF apenas um nunca havia usado um computador. Mesmo assim seu desempenho de uso não ficou aquém dos colegas.

Dos sete alunos que já usavam a internet regularmente, três disseram usar internet por mais de duas horas diárias, em média, com acesso em banda larga ou nas lanhouses. Dois deles disseram acessar internet de casa apenas nos finais de semana, com acesso

[10] MSN da Microsoft, o Instant Messenger do Yahoo ou similares.

em banda larga e dois deles acessavam internet discada com um uso médio máximo de 3 horas semanais. Todos os sete usavam programas de e-mail gratuitos, programas de mensagem instantânea, tinham conta no Orkut e disseram fazer pesquisas escolares na internet.

Confirmando o que disseram Veen e Vrakking (2009), esses jovens, mesmo com acesso limitado, não se espantam nem temem usar um computador ou a internet. Para eles é uma interface natural que proporciona uma "certa alegria ao usar" como disse uma das jovens. Podem ser caracterizados como Alunos 2.0 por causa do uso freqüente da internet em casa, na escola ou nas lanhouses.

Perguntou-se aos alunos como o radioblog pode vir a ser útil para eles e todos, sem exceção, pensaram em trabalho futuro com jornalismo ou comunicação sem perceber a utilidade no aprendizado de conteúdo em sala de aula.

A aluna "D" respondeu que "Para a escola, por exemplo, vai ser útil mesmo para interagir com a comunidade e prá divulgar coisas da própria escola que a coordenação e a direção não conseguem divulgar. Mesmo falando bastante, os alunos não interagem e não querem saber, mas com um blog vai ficar, sabe?!?(sic) Ah, prá mim foi bem interessante saber. Se no futuro eu quiser fazer uma faculdade ou então uma coisa assim em publicidade já tem, assim, pelo menos eu já sei alguma coisa."

Quando perguntados como eles pensam em fazer para aprender através desta tecnologia. As respostas mais comuns foram "fuçando" e "mexendo". Este modo de aprender por tentativa e erro é explicado em Dewey (1976). Papert (1997) considera que esse é o caminho comum do jovem ao se apropriar das tecnologias. Ao contrário dos professores, estes jovens não teriam qualquer receio de usar esses recursos que já fazem parte das suas vidas.

Ao ouvir os programas gravados pelos professores, os alunos declararam-se estimulados a produzir mais e melhor. E, ao saber que suas produções eram escutadas e avaliadas criticamente pelos professores e visitantes, os alunos perceberam que possuíam uma audiência que os fazia se sentir autores reais e os permitiam criticar o próprio trabalho levando-os aprimorar sua técnica. "É legal, eu me sinto na televisão ou no rádio mesmo e isso é muito legal" disse a Aluna "B".

Seu desempenho no uso do Audacity e na comunidade foi satisfatório e os jovens demonstraram que podem operar o software, promover e dirigir gravações, produzir roteiros, fazer locuções e demonstraram que são capazes de produzir um arquivo de áudio, desde sua concepção até a sua postagem, independentes de interferência de outra pessoa. Assimilaram o básico do software de edição. Sua assimilação foi satisfatória para cumprir com as tarefas designadas. Colaboraram entre si para aprender e para produzir e ajudavam os colegas que chegavam para gravar.

As facilidades apontadas por eles para o uso desta interface foram: o uso do software de edição e gravação Audacity e a comunidade virtual. Para dois deles, editar era mais fácil e para os outros foi mais fácil gravar. As dificuldades foram o tamanho e o entrosamento com o grupo inicial como declarou a aluna C. "No começo do grupo, com aqueles meninos, eu queria desistir. Eles faziam umas brincadeiras idiotas umas criancices que não tinha necessidade, eu e a (nome) não gostávamos. Menina não gosta desse tipo de criancice. Entendeu? Depois que eles foram embora melhorou muito".

Outra dificuldade apontada por eles foi “ter que ficar aqui na escola depois do horário de quarta a sexta, isso me cansou bastante” disse a aluna “C”, “eu quase desisti” completa ela. Outra dificuldade apontada por dois deles foi a própria timidez em gravar e escutar a voz, no início “foi difícil mas depois me acostumei e perdi a vergonha”. Não viram qualquer dificuldade na capacitação, consideraram o pesquisador claro em suas explicações e em suas solicitações de tarefas.

A barreira ao uso apontadas por eles foi o acesso ao laboratório de informática fora do horário ou da supervisão de outro professor. O laboratório fica fechado e eles não podem pegar a chave a menos que um professor os acompanhe.

Eles não sabem se os colegas da escola têm acesso ao computador como eles têm de casa, mas acreditam que se “a escola divulgar e trouxer os colegas pro laboratório todo mundo vai "ver" a rádio”.

A Escola e a direção

Este foi praticamente o primeiro contato destes alunos com a internet provida pelo município. Segundo “K” “o laboratório estava vazio e encaixotado em janeiro de 2007. Seu uso começou com esta pesquisa. Antes de você (o pesquisador) chegar à escola, as entradas no laboratório eram esporádicas”.

Dois professores da tarde usavam o laboratório com seus alunos de 1ª a 4ª séries do EF para inclusão digital. A direção da escola disse que incorporaria o uso do laboratório de informática no PPP da escola para o ano seguinte. “O objetivo é fazer todos os professores participar da rádio e usar o laboratório. Mas por enquanto não há solicitação de uso. Existe um projeto de inclusão digital e capacitação para o uso da informática com oito alunos da EJA aos sábados na escola. O desafio este ano foi fazer o laboratório funcionar e convencer aos professores a usá-lo.”

A direção da escola demonstra que enxerga a necessidade de mudar a escola: “O computador é necessário para a vida dos estudantes, eles precisam aprender a usá-lo para enfrentar o mercado de trabalho e é a escola que precisa mudar para ajudá-los.”

Confirmando a expectativa dos professores ela demonstra a necessidade de conseguir um horário específico e dedicado aos projetos que envolvam o laboratório de informática. Ela considera que “a vinda de um pesquisador para a escola a ajudou a concretizar a intenção que ela e a vice-diretora tinham de começar uma rádio para dar voz aos alunos. A escola precisa ter pessoas que a alimentem de projetos e impulsionem a educação e movimentem os professores”.

Ela disse que os currículos não são “amarrados” e que a escola, através de seus professores, é que decide os caminhos curriculares que tomarão, bem como os métodos que lançarão mão para alcançar os objetivos.

A vice-diretora concorda que são precisas muitas mudanças na escola, mas aponta como barreira o espaço físico do laboratório que considera pequeno e inadequado. Para que “um projeto como esse deixe de ser apenas uma rádio cultural para se tornar um espaço de ensino-aprendizagem será preciso que a estrutura inteira da escola mude, com computadores para todos e capacitação de professores no uso destas interfaces” essa afirmação vai de encontro com a solução proposta pelas políticas públicas no formato

do Projeto UCA (um computador por aluno) e do PDE (Plano de Desenvolvimento da Educação) do Governo Federal.

A barreira que ela encontrou na pesquisa foi a transformação dos arquivos de áudio em programas que possam ser veiculados nos horários de intervalo na escola, pois tirar um computador e acoplá-lo a um aparelho de som com caixas espalhadas por toda a escola é muito complicado e exige recursos que eles não dispunham.

A vice-diretora acredita que pouca gente ligada à escola tem acesso à internet e isso tornaria o projeto desnecessário. Esta opinião é contrária aos dados do IBOPE NET RATINGNS divulgado em 2008. Contradição reforçada sobre a preocupação dela e da diretora sobre as críticas e ofensas o que alguns alunos postaram no orkut sobre a escola. Enquanto ela fala em dar voz ao estudante também demonstra preocupação em censurar sua opinião.

Com relação à expressão dos alunos a professora "I" disse que "Deles (alunos) quererem colocar alguma coisa que vocês não concordem. Isso é uma preocupação constante na escola. Sempre será um problema. Não se pode fechar e colocar censura. Ou você dá voz ao aluno ou não dá. E não podemos limitar os temas. O professor precisa perder seu medo da crítica e aprender a escutar os alunos. O aluno precisa poder decidir o que fazer. A rádio servirá para dar voz ao aluno e o espaço deverá ser usado por eles de forma atuante. Eles assim terão que aprender como falar, perder o medo de falar o que querem e, a crítica precisa ser escutada pelos professores e pela direção".

Considerações Finais

Até o momento, na análise da pesquisa e das entrevistas podemos dizer que a escola pode ser considerada 1.0, pois não foi capaz de incorporar as TDIC em sua práxis. Os professores, mesmo tendo hábitos pessoais de uso da internet, e facilidade com a interface apresentada não se dispuseram a incorporá-la em sala de aula. Esta pesquisa-ação demonstrou que é possível inserir uma nova tecnologia na escola, desde que haja uma alteração curricular com interferência direta da direção da escola. Seria preciso que os professores desejem alterar seus hábitos de trabalho para a incorporação da tecnologia nos métodos didáticos e nos currículos.

A tecnologia do Radioblog é simples e de uso facilitado pela sua interface. A ação foi planejada para que a capacitação fosse simples e fácil, para que as barreiras pessoais de medo de uso fossem eliminadas. A capacitação dos professores se deu em ambiente agradável e favorável ao aprendizado como o desejado.

A capacitação dos alunos ocorreu em ambiente de discussão e acolhimento. Os jovens que se dedicaram à pesquisa se sentiram à vontade e perceberam que podem aprender junto com o professor. A redução da quantidade de alunos durante a pesquisa foi favorável ao aprendizado dos alunos restantes, levando o pesquisador a pensar que grupos pequenos e bem entrosados podem ser mais produtivos.

As dificuldades encontradas pelos atores desta pesquisa ocorrem mais no nível pessoal que no institucional. Cada professor que participou da pesquisa demonstrou ser capaz de imaginar como usar a tecnologia. Nos níveis de metodologia, didática e de aprendizado não há problema no uso e sim no nível da vontade do professor.

O uso da tecnologia é possível e viável. Não envolve custo maior que a instalação de computadores que permitam acesso a todos e a compra de uns poucos microfones de baixo custo para as gravações. As limitações podem ser superadas se houver interesse, mas as dificuldades e barreiras nos níveis estruturais dependem de fatores que não faziam parte do escopo desta pesquisa.

Os alunos demonstraram segurança no uso da interface, fluência verbal e capacidade crítica para melhorar sua atuação nas gravações posteriores. Percebemos que os jovens ganharam autoconfiança ao participar da pesquisa e se desenvolveram tornando-se fluentes na tecnologia. A atitude dos alunos, hábeis em usar as tecnologias e a trabalhar em equipe para solucionar problemas neste projeto, permitiu que se pudesse observar que eles são potenciais alunos 2.0 apesar da estrutura da escola e os métodos dos professores ser 1.0.

A necessidade de mudança na escola através da incorporação das TDIC está posta, consideramos como inevitável e uma questão de romper barreiras pessoais e culturais por parte dos professores. O que fazer para motivar os professores a incorporar as tecnologias digitais da informação e comunicação em suas metodologias e que políticas públicas adotar para fazer emergir a escola 2.0 deve fazer parte de pesquisas posteriores. A Escola precisa de professores que incorporem as TDIC na sala de aula. A metodologia da pesquisa-ação também pode ser incorporada na práxis escolar de modo a provocar mudanças no ambiente escolar mais rapidamente.

Nosso tempo de pesquisa nessa escola levou-nos a refletir que o jovem, mesmo de classes menos favorecidas, está pronto para usar as TDIC e, a escola, representada por seus professores, ainda precisa de mais projetos e mais motivações para alcançar esse nível.

REFERÊNCIAS

BARBIER, René. **A pesquisa-ação**. Tradução de Lucie Didio. Brasília: Plano, 2002, 159p.

BELLONI, Maria Luiza (org.). **Formação na sociedade do espetáculo**. São Paulo: Loyola, 2002, 188p.

BOGDAN, Robert; BIKLEN, Sari. **Investigação Qualitativa em Educação:** uma introdução à teoria e aos métodos. 4.ed. Porto, Portugal : Porto, 2006, 336p.

CARLINI-COTRIM, Beatriz. Potencialidades da técnica qualitativa de grupo focal em investigações sobre abuso de substâncias. Rev. Saúde Pública, v. 30, n. 3, p. 285-293, jun.1996.

CHARLOT, Bernard. **Relação com o Saber, Formação de Professores e Globalização:** Questões para a educação hoje. Porto Alegre: Artes Médicas, 2005, 159p.

DEMO, Pedro. **Formação permanente e tecnologias educacionais.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2006, 143p.

DESROCHE, Henri. Pesquisa-ação: dos projetos de autores aos projetos de atores e vice-versa In: THIOLLENT, Michel (org.) Pesquisa-ação e projeto cooperativo na perspectiva de Henri Desroche. São Carlos: Edufscar, 2006. p.33-68.

DEWEY, John. **Experiência e educação.** Tradução de Anísio Teixeira. 2. ed São Paulo: Nacional, 1976, p.131.

HENDRICKS, Cher. Improving Schools Through Action Research:A comprehensive guide for educators. 2nd ed. New Jersey: Pearson, 2009, 216.

MILLS, Geoffrey E. ***Action Research:*** *A Guide for the Teacher Researcher*. 3rd ed., New Jersey : Pearson, 2007. 254p.

PARASURAMAN, A. ***Marketing research***. Toronto: Addison-Wesley Publishing, 1986.

PAPERT, Seymour. **A família em rede:** ultrapassando a barreira digital entre gerações**.** Lisboa : Relógio D'água, 1997. 281p.

RICHARDSON, Will. ***Blogs, wikis, podcastings, and other powerful web tools for classrooms***. Thousand Oaks, CA : Corwin Press, 2006, 149p.

THIOLLENT, Michel (org.) **Pesquisa-ação e projeto cooperativo na perspectiva de Henri Desroche**. São Carlos: Edufscar, 2006 (240p.)

VEEN, Win; VRAKKING, Ben. **Homo Zapiens:** Educando na era digital. Porto Alegre: Artmed, 2009. 141p.